

Recebido em mar. 2008  
Aprovado em jun. 2008

**A PASSAGEM DA CONSCIÊNCIA A CONSCIÊNCIA-DE-SI NA  
*FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO***

ADILSON XAVIER DA SILVA \*

**RESUMO**

O artigo tem como objetivo descrever o itinerário da consciência a consciência-de-si, especialmente na seção IV, da *Fenomenologia do Espírito* (1807) de G.W.F. Hegel.

**PALAVRAS-CHAVE**

Consciência. Consciência-de-si. Dialética. Reconhecimento. Dominação. Escravidão.

**ABSTRACT**

This article aims to describe the consciousness' path to self-consciousness, using to do so specially section IV, of the *Phenomenology of Spirit* (1807) by G.W.F. Hegel.

**KEYWORDS**

Phenomenology. Consciousness. Self-consciousness. Dialectic. Domination. Slavery.

---

\* Doutor em Filosofia pelo INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - IFCS da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ.



## 1.0 INTRODUÇÃO

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) na sua obra *Fenomenologia do Espírito* (1807) descreve magistralmente a passagem da consciência a consciência-de-si, com o objetivo de desvelar a consciência, puramente empírica, e revelá-la ao Espírito e ao Saber absoluto. Segundo Hegel o indivíduo singular deve percorrer igualmente as etapas da formação do Espírito, especialmente aquelas figuras que o Espírito já abandonou, seja nas figuras da sensação, da percepção, do entendimento ou da força, como estágios de um caminho a ser percorrido no desvelamento do próprio homem no mundo.

O caminho a ser percorrido é o início do processo da consciência. E a primeira etapa a ser desvelada é o da *sensação* que “produz a certeza sensível por nos fazer conhecer algo que está presente” aqui e agora. Este algo é universal, é aquilo que se estende a tudo ou por toda parte e geral. Já o segundo nos possibilita pela *percepção* “apreender as sensações múltiplas na unidade do objeto”. E por último, o *entendimento* “permite que o objeto se consiga distinguir a unidade da multiplicidade e sua implicação recíproca para poder ser pensado” (HENNINGS, 1982: 21).

Nesse sentido, através delas Hegel coloca o objeto como uma realidade objetiva, sendo essa realidade o único verdadeiro, o conhecimento estava, portanto, referido ao objeto. Em seu objeto, a consciência imaginava estar conhecendo algo diferente dela mesma, pois sua experiência mostrava que o saber do objeto é um saber de si mesma.

O objeto desaparece, então, como o verdadeiro, se mostra como algo que só é em si enquanto é para um outro. O objeto é em si enquanto é para a consciência ou a consciência se mostra como em si do objeto. A unidade do ser-em-si e do ser-para-um-outro do objeto cai na consciência, pelo qual a consciência se constitui no verdadeiro.

Enquanto que a consciência como sujeito, é agora o verdadeiro, o conhecimento se encontra referido a ela; é saber de si mesma. A consciência é agora objeto para si mesma; é sujeito e objeto ao mesmo tempo; é consciência-de-si.

Portanto, o Eu que é o objeto é objeto para ele-mesmo, ele é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto, ele se coloca para si.

O eu é o conteúdo da relação e a relação é a relação mesma, defronta um outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este outro, para ele, é apenas ele próprio. (HEGEL, 1992: 120)

De maneira imediata, a consciência se sabe como seu próprio objeto, pois ainda não veio-a-ser como objeto de si mesma. Este primeiro estado de consciência no qual ela se encontra, de maneira imediata, ou seja, como objeto de si mesma, se expressa na tautologia *Eu sou Eu*.

Nesse sentido a essência da consciência-de-si é o movimento no qual essa oposição é suprassumida e não a igualdade simples e imediata consigo mesma.

Na consciência, as figuras anteriores (que era o objeto verdadeiro da sensação, percepção, entendimento) do objeto não estão desaparecidos; unicamente estavam

suprassumidos; encontram-se presentes como momentos. Assim, pois, para consciência-de-si, o ser-outro como objeto da consciência aparece como diferenciado, oposto a ela mesma. Dessa oposição com o outro, a consciência-de-si deriva seu próprio movimento, a consciência-de-si reflete sobre si mesma.

A consciência tem agora em diante, como consciência-de-si um duplo objeto, o ser-outro, objeto da consciência sensível e perceptiva, para a qual assinalando para a consciência-de-si com o sinal do negativo, e ela mesma.

Para nós, ou em si, o objeto que para a consciência-de-si é o negativo, retornou sobre si mesma, do seu lado; com do outro lado, a consciência também fez o mesmo. (HEGEL, 1992: 121)

A essência da consciência-de-si é o movimento em que a oposição entre o ser-outro e ela mesma é suprassumida e a consciência-de-si chega a unidade consigo mesma; o movimento de retorno da consciência-de-si mesma a partir do ser-outro.

A unidade da consciência-de-si é, pois, o resultado de seu vir-a-ser e não uma unidade imediata.

## **2.0 A AFIRMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA-DE-SI**

### **2.1 A NEGAÇÃO DO SER-OUTRO**

O ser-outro que é objeto da consciência sensível e perceptiva, tem de agora em diante presente a consciência-de-si, não como um ser em si, mas como um

objeto que deve ser negado, a fim de que a consciência-de-si estabeleça em sua negação sua própria unidade consigo mesma.

Essa negação do ser-outro, por parte da consciência-de-si, Hegel denomina de *desejo*. Para que a consciência-de-si se torne desejo é necessário que a unidade da consciência-de-si consigo mesma seja uma unidade do vir-a-ser que lhe é essencial, para que a consciência-de-si seja desejo.

O objeto do desejo imediato para a consciência-de-si não é, portanto, um objeto inerte (a maneira da percepção sensível), mas um objeto que por sua reflexão sobre si mesmo é algo vivo. A vida é, pois, o objeto do desejo da consciência-de-si, é o outro, oposto para a consciência-de-si que deve ser negado.

A consciência-de-si quer proclamar sua independência, quer ao mesmo tempo estar certa de si mesma e quer tornar-se para-si, quer, também, para ela seu objeto com o sinal do negativo. Para Hegel a consciência-de-si é certeza de si mesma, mas essa “certeza somente será alcançada através do suprassumir desse outro, que se lhe apresenta como vida independente”. (HEGEL, 1992: 124)

Com a negação do outro, a consciência-de-si quer estabelecer sua independência, pois, só estabeleceu a independência de seu objeto. Com efeito, a certeza de si mesma, alcançada pela consciência-de-si pela negação, se encontra condicionada pelo objeto, já que a satisfação obtida pela consciência-de-si mediante a suprassunção deste objeto e para que a suprassunção se dê tem que dar-se, também, o objeto.

A consciência-de-si não pode suprasumir o objeto mediante uma atitude negativa frente a ele, pois, à medida que nega um objeto se apresenta outro para ser negado, ou seja, o reproduz.

Por motivo da independência de seu objeto, a consciência-de-si não pode estabelecer sua própria independência, a menos que seu objeto mesmo cumpra nela a negação, isto é, a menos que o objeto seja ele mesmo consciência-de-si. Nesse sentido, afirma Hegel, a consciência-de-si só alcança sua satisfação em outra consciência-de-si.

Portanto, a consciência-de-si só poderá retornar a si mesma a partir do ser-outro e este retorno se dará somente si esse outro é, por sua vez, uma consciência-de-si. A consciência-de-si só se reconhece ela mesma – se coloca ela mesma como objeto – no *desdobramento* de si mesma.

## 2.2 O RECONHECIMENTO

A consciência-de-si tem agora diante de si outra consciência-de-si e sua independência dependerá de que essa outra consciência-de-si a reconheça.

O ser da consciência-de-si na sua verdade consiste em ser para outra consciência-de-si, ou seja, ela só alcança a sua independência na medida em que reconhece uma outra consciência-de-si. Esse reconhecimento se dará através de seu desdobramento de si mesma.

O desdobramento da consciência-de-si nasce da necessidade do reconhecimento; com efeito, a

consciência-de-si só poderá afirmar sua independência a partir do reconhecimento por parte de outra consciência-de-si. Por isso, a consciência-de-si se desdobra nela mesma e é tanto sujeito como objeto.

O reconhecimento de uma consciência-de-si por outra não é uma mera apreensão passiva; não é um mero conhecimento de um objeto determinado. No dizer de Kojève, esse reconhecimento é uma ação, e não só um conhecimento, é uma ação cognoscente, um conhecimento ativo.

Em um primeiro momento, a consciência-de-si quer ser reconhecida sem reconhecer a sua vez; a consciência-de-si tem diante si outra consciência-de-si que só age o que exige para si, como uma consciência-de-si independente.

Esse movimento de consciência-de-si em relação a uma outra consciência-de-si se representa, desse modo, como o agir de umas delas. Porém esse agir de uma tem o duplo sentido de ser tanto o seu agir como o agir da outra; pois a outra é também independente. (HEGEL, 1992: 127)

O reconhecimento mútuo permite a existência da consciência-de-si; a consciência-de-si não é em si se não for reconhecida por outra em si e ela reconhece a outra da mesma maneira, ou seja, é um duplo movimento das duas consciência-de-si. Esse duplo reconhecimento passa pela negação do ser objetivo, do ser-aí determinado das consciência-de-si, pelo risco da própria vida. Portanto, o indivíduo que não se expor a vida, poderá ser reconhecido como pessoa; mas não alcança a verdade



desse reconhecimento como uma consciência-de-si independente. (HEGEL, 1992: 129)

Nesse sentido, afirma Hegel, uma consciência-de-si é para a outra um objeto comum, uma figura independente; ela não representa todavia como consciência-de-si, ou seja, como sujeito e, portanto, não se reconhece plenamente nela. Desta maneira, cada uma das consciências-de-si tem plena certeza de si mesma, não da outra, porque sua certeza é uma certeza subjetiva que não chega à verdade. O reconhecimento não é dado.

Para que a certeza de si mesma da consciência-de-si alcance a verdade, para que o reconhecimento se dê, é necessário que a outra consciência-de-si represente a sua vez como pura certeza de si, ou seja, como sujeito. São dois indivíduos que se enfrentam um ao outro como seres vivos e exigem serem reconhecidos, um pelo outro. Pois, o ser reconhecido exige a sua vez o reconhecimento do outro.

A certeza de si de cada uma das consciências-de-si tem que provar-se no enfrentamento com a outra; na luta.

Portanto, a relação das duas consciências-de-si é determinada de tal modo que elas se provam a si mesmas e uma a outra através de uma luta de vida ou morte. Devem travar essa luta, porque precisam elevar à verdade, no outro e nelas mesmas, sua certeza de ser-para-si. (HEGEL, 1992: 128)

A luta pelo reconhecimento é uma luta de vida ou morte; em que cada uma das consciências-de-si tem a morte da outra, com o risco de sua própria vida.

Ao afrontar o risco da morte, a consciência-de-si experimenta que a vida é para ela tão essencial como ser reconhecida. Por isso as consciências-de-si se separam, uma delas tem por essência o ser reconhecido, corre o risco de morrer e obtém o reconhecimento. A outra tem por essência a vida, teme a morte e renuncia o reconhecimento. A primeira é uma consciência-de-si independente; o senhor. A outra é uma consciência-de-si dependente, que não é para si senão para uma outra; o escravo. Portanto, a consciência “independente para a qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um outro. Uma é o senhor, outra é o escravo”. (HEGEL, 1992: 130)

Hegel irá mostrar aqui a experiência que a consciência-de-si faz deste reconhecimento, ou seja, essa experiência é “um processo que surge primeiro como desigualdade de duas consciências-de-si: uma que só reconhece; outra que só é reconhecida” (MENESES, 1985: 59). Essa desigualdade é demonstrada na relação do senhor e do escravo. Que é uma outra figura da consciência-de-si.

### **3.0 INDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA DA CONSCIÊNCIA-DE-SI: DOMINAÇÃO E ESCRAVIDÃO**

#### **3.1 DOMINAÇÃO**

Na figura do senhor a consciência-de-si afirma sua independência, ao mesmo tempo em que afirma seu reconhecimento. Enquanto que na figura do escravo, a

outra consciência-de-si está reduzida a uma coisa, a um objeto independente, o escravo reconhece o senhor, mas não é reconhecido pelo senhor.

Embora, a independência do senhor seja algo relativo, o senhor enquanto é reconhecido pelo escravo, ele é uma consciência que é mediação consigo através de uma outra consciência-de-si.

O senhor se relaciona com o escravo através do ser independente (da vida), pois, a vida a qual se fala o sujeito – o escravo. O senhor é a potência sobre a vida, pois ele demonstrou na luta que só vale para ele como algo negativo. O senhor que é o ser da potência sobre a vida que está acima do escravo, o senhor tem abaixo de si o escravo. Por meio do escravo, o senhor se relaciona com a “coisa” e através desta mediação ele pode negá-la, gozá-la.

A consciência-de-si, na figura do senhor, desfruta o que não desfrutava no desejo, a causa da independência da coisa; negar a coisa é fazer sua satisfação na negação. A consciência-de-si, na figura do escravo, não pode, portanto, desfrutar a negação da coisa e o gozo dela, pois a coisa é para a consciência-de-si, enquanto escravidão, algo independente. O escravo não pode negar a coisa e nem gozá-la, ele simplesmente se limita a transformá-la, ou seja, é o escravo que a trabalha.

A certeza-de-si que o senhor tem em sua dominação, no seu gozo, atinge sua independência, que é mediatizada pelo escravo, dependente agora de seu reconhecimento. Pois o reconhecimento é unilateral e desigual; o escravo realiza em si mesmo o que o senhor faz o que o outro exige que o faça; se reconhece como escravo, ao mesmo tempo em que seu fazer é o fazer do

senhor. Embora, o que o escravo faz contra si mesmo não o faz contra o senhor, e o que o senhor faz contra o escravo não o faz contra si mesmo. Desta maneira, a consciência escrava, sobre o qual o senhor fundamenta sua independência, se mostra como consciência dependente no que realmente a consciência-de-si não pode afirmar-se como independente.

A figura da consciência-de-si não se realiza na figura do senhor: “o senhor não está certo do ser-para-si como verdade; mas sua verdade é de fato a consciência inessencial e o agir inessencial dessa consciência” (HEGEL, 1992:131). A independência que a consciência-de-si não desfruta na figura do senhor, se realiza na figura do escravo.

### 3.2 A ESCRAVIDÃO

A consciência-de-si escrava aparece em primeiro momento como se estivesse seu ser fora-de-si, na vida e por mediação da vida no senhor. Pois ao desenvolver-se a consciência-de-si (na figura do escravo), mostrará ser o contrário do que, de maneira imediata aparece; “entrará em si como consciência reprimida sobre si mesma e se converterá em verdadeira independência” (HEGEL, 1992: 132).

Num primeiro momento o escravo vê no senhor sua essência; o senhor é sua verdade, portanto, é consciência independente que é para-si, pois essa verdade se localiza fora dele. Embora o escravo tenha nele mesmo essa verdade, se realiza como ser-para-si, pois ele experimentou o medo da morte em sua angústia. Sua

essência como um todo, por isso, a consciência do escravo se desenvolveu como um puro ser-para-si. Em segundo momento, no serviço. O escravo chega a efetuar, de maneira real, a dissolução do ser-aí natural.

Embora, o temor e o serviço, no qual o escravo se relaciona com o senhor, não são suficientes para que o escravo atinja sua independência; a consciência escrava atinge a sua independência através do trabalho.

No momento que corresponde ao desejo na consciência do senhor, o escravo se encontrava ante a independência da coisa e se limitava a transformá-la, sua relação com a coisa aparece como uma relação inessencial. Pois o essencial era a negação da coisa. O senhor, portanto, chegava a negar a coisa e satisfazia seu desejo. A satisfação do senhor tende a desaparecer na medida em que falta o lado objetivo do subsistir. Com efeito, o senhor encontra sua satisfação na negação da objetividade da coisa. O escravo, ao contrário, não nega a coisa, mas simplesmente a transforma e ao transformá-la para fora de si no elemento do permanecer a coisa em sua objetividade, o escravo obtém sua subsistência no ser-para-si.

O fazer transformador do escravo imprime na coisa o ser da consciência e com ela a consciência se encontra a si mesma na coisa, que é algo permanente e independente. O fazer formativo “é, ao mesmo tempo, a singularidade, ou o puro ser-para-si da consciência, que agora no trabalho se transfere para fora de si no elemento do permanecer” (HEGEL, 1992:133). A consciência trabalhadora chega intuir o ser independente como intuição de si mesma.

A satisfação do senhor, portanto, tende a desaparecimento do ser. Enquanto que o fazer transformador do escravo conduz a intuição, por parte da consciência, do ser independente como de si mesma. Nesse sentido, a consciência-de-si na figura do escravo, mediatizada pelo fazer transformador, se reencontra no elemento do ser. A consciência-de-si ao intuir-se a si mesma como ser independente, obtém sua própria independência. O que faz com que a consciência-de-si se define como independente é o desenvolvimento no qual se encontra a si mesma no ser, como ela se encontra ela mesma como objeto.

Mas a independência obtida pela consciência-de-si é, aqui, uma mera abstração; um ideal cuja realização se faz necessários muitas outras colheitas da consciência-de-si.

### CONCLUSÃO

Com a passagem da consciência a consciência-de-si Hegel conduziu uma nova maneira de compreender o homem no mundo, de suprassumir seu mundo da vida ou sua História. Esse processo é um constante trânsito imanente e progressivo de um termo a outro, via na qual a finitude a imperfeição do entendimento se manifestam, especialmente, contendo sua própria negação. No dizer de Hegel o próprio de todas as coisas finitas é anular-se a si mesma. A consciência, ao caminhar “rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde despojará de sua aparência: a de estar pesa a algo estranho, que é só para ela, e que é como um outro”(HEGEL, 1992:73).

Podemos dizer, então, que a aparência aqui é igual à essência, e que sua reposição irá coincidir “exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito” (HEGEL, 1992:73). E quando a consciência apreender verdadeiramente sua essência, ela “designará a natureza do próprio saber absoluto” (HEGEL, 1992:73).

As figuras que a consciência percorreu em busca de um *saber absoluto* é, em certo sentido, a história bem detalhada da formação para o conhecimento da própria afirmação da consciência. Segundo Hegel esse movimento tem sua meta fixada. A tarefa do saber está “ali onde o saber não necessita ir além de si mesmo, onde a si mesmo se encontra, onde o conceito corresponde ao objeto e o objeto ao conceito” (HEGEL, 1992:68).

Portanto, o movimento em direção a essa meta fixada não pode ser simplesmente detido. Por que a passagem da consciência para a consciência-de-si é e está restrito a uma vida natural que por si mesmo não pode ir além do seu ser-ai imediato, visto que a consciência é “para si mesma *conceito*” (HEGEL, 1992:68), isso significa que a consciência é o “ir-além do limitado, e – já que este limite lhe pertence – é o ir além de si mesmo”. (HEGEL, 1992:68).

O movimento da passagem da consciência a consciência-de-si é na verdade uma violência que a consciência sofre, no seu reconhecimento, pela limitação de si mesma, onde esse sentimento desvela uma angústia, uma procura desesperada de “tentar salvar o que está ameaçada de perder” (HEGEL, 1992:68).

Pois a consciência *distingue* algo de si e ao mesmo tempo *se relacione* com ele; ou, exprimido de outro

modo, ele é algo *para a consciência*. O aspecto determinado desse *relacionar-se-* ou do *ser* de algo para uma consciência – é o *saber* (HEGEL, 1992:70).

Com efeito, a passagem da consciência que é consciência do objeto; e por outro lado, a consciência-de-si é consciência do que é verdadeira para ela seu saber da verdade, “é para ela mesma que seu saber do objeto corresponde ou não a esse objeto” (HEGEL, 1992:70). E é por isso que a “experiência que a consciência faz sobre si mesma não pode abranger nela, segundo seu conceito, nada menos que o sistema completo da consciência ou o reino total da verdade do espírito” (HEGEL, 1992:73). Desse modo, podemos afirmar, segundo Hegel que os “momentos do todo são *figuras da consciência*. (HEGEL, 1992:73).

É através desses momentos que a meta é alcançada, e que abre o caminho para a ciência, visto que, já é ciência ele mesmo, e segundo esse movimento é seu conteúdo, é, também, “ciência da experiência da consciência” (HEGEL, 1992:72).



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

MENESES, P. *Para ler a Fenomenologia do Espírito – Roteiro*. São Paulo: Loyola, 1985.

HENNINGES, E. G. Hegel In: *Boletim SEAF – MG*, n. 1, 1982.

KOJEVE, A. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard, 1962.